

“Elas que lucrem”: uma análise discursiva sobre o empoderamento feminino

“Elas que lucrem”: An Analysis of the Women's Empowerment Discourse

**PARAGÓ, BEATRIZ
PEREIRA NUNES**
beatrizparago@id.uff.br

Mestranda em Estudos de Linguagem pela Universidade Federal Fluminense, Brasil
Bolsista pela Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)
ORCID: <https://orcid.org/0009-0002-1414-3232>

**MAGALHÃES, RAQUEL
ANNE LUCAS**
raquel_magalhaes@id.uff.br

Mestranda em Estudos de Linguagem pela Universidade Federal Fluminense, Brasil
Bolsista pela Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa no Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ)
ORCID: <https://orcid.org/0009-0006-7245-0512>

DELA-SILVA, SILMARA
silmaradela@gmail.com

Doutora em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas, Brasil (2008)
Professora Associada da Universidade Federal Fluminense, Brasil
Bolsista pela Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa no Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ)
ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5231-6662>

PALAVRAS-CHAVE:
Análise do Discurso
Materialista;
Discurso jornalístico;
Sujeito-mulher.

RESUMO: Temos como proposta, no presente trabalho, refletir acerca da imbricação dos dizeres sobre o feminino e sobre o neoliberalismo, a partir do discurso jornalístico destinado às mulheres. Com base na fundamentação teórica e nos princípios metodológicos propostos pela Análise de Discurso de base materialista (doravante AD), inicialmente proposta na França, por Pêcheux, e no Brasil, com Orlandi, voltamos-nos mais especificamente ao funcionamento do discurso empoderador que retoma dizeres produzidos em outro lugar que, no entanto, seguem sendo atualizados sobre o papel e o lugar da(s) mulher(es) em nossa formação social. Dessa forma, propomos uma análise do site “Elas que lucrem”, presente no portal Terra, a fim de compreender os sentidos que circulam na mídia sobre as mulheres. Buscamos propor uma análise discursiva das diferentes materialidades significantes presentes nas seções “Quem somos” e “Mulheres Investidoras”, a partir das contribuições de Medeiros (2023), Orlandi (2003, 2015, 2023) e Lagazzi (2009), para refletirmos sobre o funcionamento do discurso neoliberal acerca dos feminismos.

KEY-WORDS:

Materialist Discourse
Analysis;
Journalistic discourse;
Female subjectivity.

ABSTRACT: This study aims to reflect on the interplay between discourses on femininity and neoliberalism within journalistic content targeted at women. Grounded in the theoretical foundation and methodological principles of Materialist Discourse Analysis (MDA), originally proposed in France by Pêcheux and further developed in Brazil by Orlandi, we focus specifically on the operation of empowerment discourse. This discourse reactivates sayings produced elsewhere while updating them concerning the role and place of women in our social formation. Accordingly, we analyze the website *Elas que lucrem* ("Let Them Profit"), featured on the *Terra* portal, to understand the meanings circulating in the media about women. Our analysis centers on the different significant materialities present in the sections "Quem somos" ("Who We Are") and "Mulheres Investidoras" ("Women Investors"), using contributions from Medeiros (2023), Orlandi (2003, 2015, 2023), and Lagazzi (2009) to reflect on how neoliberal discourse operates within feminist narratives.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Neste artigo, voltamo-nos ao funcionamento do *discurso sobre*¹ a(s) mulher(s) em circulação na mídia em nossa formação social. Nosso interesse recai, principalmente, na imbricação entre os discursos empoderador e neoliberal, a fim de refletir sobre os sentidos que podem ou não circular sobre o(s) lugar(es) e o(s) papel(is) da(s) mulher(es) na atual conjuntura sócio-histórica. Com base em noções e conceitos teóricos da Análise do Discurso de base materialista, interessa-nos analisar o modo como as relações de gênero se inscrevem no discurso jornalístico neoliberal, ao territorializar o que cabe ao feminino e, por consequência, ao masculino, nas perspectivas financeira e emocional. Para isso, constituímos o *corpus* de análise por materialidades significantes (Lagazzi, 2009) recortadas do *site* “Elas que Lucrem”, que nos permitem refletir sobre o discurso jornalístico endereçado às mulheres na perspectiva neoliberal, entrelando-se a sentidos sobre empoderamento (Medeiros, 2023) e consumo.

Adotamos como ponto de partida as proposições de Michel Pêcheux, que conceitua o discurso como “efeito de sentidos” que se dão em uma relação linguístico-histórica (Pêcheux, 1997[1969], p. 82). Analisar o discurso requer, assim, depreender a “relação entre *língua* como sistema sintático intrinsecamente passível de jogo, e a *discursividade* como inscrição de efeitos linguísticos materiais na história” (Pêcheux, 2010[1982], p. 58, *itálicos do original*), de modo a estabelecer relações entre o dizer, os já-ditos e os não-ditos que sustentam tais efeitos de sentidos.

Dessa perspectiva teórica, retornamos à noção de arquivo, que conforme Guilhaumou e Maldidier (1997, p. 164), não se resume apenas a uma coletânea de documentos; o arquivo “permite uma leitura que traz à tona dispositivo e configurações significantes”. Compreende-

1. Para Orlandi (1990, p. 37), é a partir do “discurso sobre” que podemos trabalhar a polifonia do discurso, uma vez que “discurso sobre’ é um lugar importante para organizar as diferentes vozes dos discursos de”. Mariani (1998) desenvolve o conceito de “discurso sobre”, entendendo-o enquanto “discursos que atuam na institucionalização dos sentidos, portanto, no efeito de linearidade e homogeneidade da memória” (p. 60).

mos o *site* “Elas que Lucrem”, dessa forma, como um arquivo de discursos-midiáticos no qual há a presença de regras políticas e ideológicas que determinam o que pode (ou não) nele se inscrever (Dela-Silva & Dias, 2015). Nossos gestos analíticos se voltam às seções “Quem somos” e “Mulheres Investidoras” do *site*, considerando a composição verbal e não-verbal do material, uma vez que, conforme Lagazzi (2009, n.p.), debruçar-se a partir de tais objetos simbólicos, nas análises, permite perceber “as diferenças materiais, sem que as especificidades de cada materialidade significativa sejam desconsideradas”, “a partir das estruturas materiais distintas em composição”, entendendo que as diferentes materialidades se relacionam “pela contradição, cada uma fazendo trabalhar a incompletude na outra” (*ibidem*).

Para a análise do *corpus*, mobilizamos como parte do dispositivo teórico-analítico o conceito de interdiscurso, uma vez que esse delimita “o conjunto do dizível, histórica e linguisticamente definido, pois é o interdiscurso que determina a formação discursiva (FD) com a qual o sujeito discursivamente se identifica” (Pêcheux, 1988, pp. 213-214), já que os sentidos sobre a mulher, no discurso empoderador presente em nosso arquivo, retomam já-ditos que sustentam, atualizam e repetem dizeres formulados em outro lugar, que seguem produzindo sentidos. O interdiscurso, assim, funciona como o exterior de uma formação discursiva, o lugar de outros possíveis dizeres. Dessa forma, faz-se necessário também delimitar neoliberalismo como uma “forma de vida” que articula diversos setores da sociedade e que propõe uma individualização baseada em um modelo empresarial (Safatle, Silva Júnior & Dunker, 2021) para compreender como tal modelo impacta os discursos sobre a(s) mulher(es) em nossa formação social.

Nosso percurso será dividido nas seguintes seções: na primeira, “‘Quem somos’: do *corpus* às análises”, trabalharemos as condições de produção dos discursos do nosso *corpus* e iniciaremos as análises pela seção “Quem somos” do *site*; na segunda, “Da luta ao lucro: os sentidos

do empoderamento”, continuaremos com as nossas análises no batimento entre teoria e gestos de leitura; e, por fim, finalizaremos com as considerações finais. Buscamos, assim, no *corpus* de análise, dar a ver o modo como o discurso neoliberal se apropria dos discursos feministas para propor uma ascensão de classe, ao mesmo tempo, em que segue reproduzindo já-ditos sobre o papel e o lugar das mulheres em nossa formação social.

1. “QUEM SOMOS”: DO *CORPUS* ÀS ANÁLISES

Em sua proposição do discurso como objeto teórico, Pêcheux afirma “que é *impossível analisar um discurso como um texto*, isto é, como uma sequência linguística fechada sobre si mesma” (1997[1969], p. 79, itálicos do original), uma vez que a compreensão do funcionamento do fenômeno linguístico não poderia ser apartada da compreensão de suas *condições de produção*. As condições de produção do discurso compreendem assim, conforme Pêcheux (1997[1969]), fatores extralinguísticos que incidem sobre os processos de produção dos discursos. Orlandi (2015[1999]), ao trabalhar com as condições de produção do discurso, especifica que, em cada discurso, devemos considerar o contexto sócio-histórico e as circunstâncias de enunciação que o constituem. Assim, em nossas análises, buscamos refletir sobre o *site* “Elas que Lucrem” (doravante EQL) e suas colocações acerca dos papéis e da função social da mulher, buscando compreender o modo como as circunstâncias de enunciação participam dos processos que constituem os sentidos em análise.

Segundo Baalbaki (2010, p. 96), a mídia “administra os sentidos, produzindo efeitos de neutralidade, homogeneidade e informatividade” e, em nosso *corpus*, vemos como os sentidos sobre a(s) mulher(es) são vinculados ao neoliberalismo. Para isso, é necessário compreender que a empresa “Elas que Lucrem” faz parte do portal Terra, um conglomerado midiático do

Grupo Telefônica. Trata-se, portanto, de uma empresa com visibilidade midiática devido a sua associação a uma plataforma do tamanho e da relevância do portal Terra.

O site EQL, conforme a Figura 1, se autodenomina uma “Femfintech”. As *fintechs* são consideradas empresas que se utilizam de “inovação” e “tecnologia”; assim, o termo remete ao (financeiro) *financial* e à (tecnologia) *technology*. No entanto, o portal utiliza o prefixo “fem”, abrindo a uma possibilidade de leitura de uma empresa especialmente voltada para as mulheres. Além disso, o site possui como seções alguns temas imaginariamente voltados para o público feminino: “saúde emocional”, “saúde financeira”, “relacionamentos”, “carreira”, “empreendedorismo”, “educação”, “maternidade”, “mulheres investidoras”, “saúde”, “seguro como investimento” e, por fim, o “eql community”.

Figura 1 - Seção “Quem somos”

Fonte - <https://www.eql.com.br/>.
Acesso em: 2 jul. 2024



Como uma de suas seções, o *site* “Elas que Lucrem” propõe breves definições sobre seus objetivos e suas missões como empresa e portal virtual destinado ao público feminino, como mostra a figura 1. Em “Quem somos”, o EQL se posiciona como um *site* destinado ao público feminino, como trazemos a seguir, na sequência discursiva² (SD) 1.

SD1: Muito prazer, somos a EQL — ELAS QUE LUCREM, uma Femfintech com soluções integradas para tornar as mulheres independentes.

Ao se classificar como uma “Femfintech” e dizer ter “soluções integradas” com o propósito de tornar “as mulheres independentes”, o EQL marca sua posição discursiva, ao projetar sentidos sobre si e sobre o sujeito-leitor. É no trabalho do interdiscurso, pela retomada e retorno de sentidos “sob a forma de pré-construído, o já-dito que está na base do dizível, sustentando cada tomada de palavra” (Orlandi, 2015[1999], p. 29) que o neologismo “Femfintech” e o sintagma “mulheres independentes” significam. O acréscimo do prefixo “fem” retoma sentidos, via interdiscurso, de uma empresa de tecnologia financeira “feminista” e/ou “feminina”, o que nos leva ao questionamento sobre “qual feminismo”, o que seria “feminina” ou até mesmo quem seriam essas mulheres que precisariam se tornar independentes, a quem o *site* projeta seu dizer.

Entender o conceito proposto pelo *site* nos é importante, já que, conforme Pêcheux (1997[1969]), toda prática discursiva conta com imagens projetadas sobre si (sujeito em A) e a quem se dirige (sujeito em B). Tais projeções compõem o jogo imaginário que precede todo e qualquer dizer, uma vez que, conforme afirma Orlandi, retomando a proposição de Pêcheux:

Temos assim a imagem da posição sujeito locutor (quem sou eu para lhe falar assim?) mas também da posição sujeito interlocutor (quem é ele para me falar assim, ou para que eu lhe fale assim?), e também a do objeto do discurso (do que estou lhe falando, do que ele me fala?). É, pois, todo um jogo imaginário que preside à troca de palavras. (Orlandi, 2015[1999], pp. 37-38)

2. Segundo Courtine ([1981] 2014, p. 55), as sequências discursivas são definidas como “sequências orais ou escritas de dimensão superior à frase” com “natureza e a forma dos materiais recolhidos são eminentemente variáveis”. Assim, as sequências discursivas são os recortes de formulações linguageiras que constituem o *corpus* para a análise discursiva poder ser realizada.

Assim, como todo discurso, o discurso do/no *site* que compõe nosso *corpus* é diretamente influenciado pelo jogo imaginário, uma vez que ao dizer de seus propósitos e suas missões na seção “Quem somos”, o EQL (na posição discursiva de interlocutor em A) projeta imagens tanto sobre si quanto de seu público (interlocutor em B), o sujeito-leitor-mulher a quem se diz, as leitoras do *site*. Ao se colocar como um *site* destinado ao público feminino, o EQL faz circular sentidos sobre a(s) mulher(es). O próprio prefixo “Fem”, de “Femfintech”, nos coloca frente a possibilidades de sentidos: “fem” de feminino ou “fem” de feminista?

A organização do *site* em seções destinadas a temáticas específicas também não é sem efeitos: Por que há uma separação entre “maternidade” e “mulheres investidoras”? Por que as saúdes “financeira” e “emocional” estão separadas? O deslizamento consiste em separar áreas que comumente não se separam. De acordo com esse discurso, é possível setorizar e dicotomizar áreas de interesse da mulher, inclusive entre “investir” na criança e/ou no financeiro, como se uma criança não demandasse investimento emocional, físico e financeiro.

O recorte jornalístico de/para mulheres não é uma novidade, já que revistas voltadas para o público feminino compõem uma realidade desde o século XIX, no Brasil. Desde seu início, o discurso jornalístico destinado às mulheres contém um caráter didatizante (Rebello, 2017, p. 6), apresentando-se como uma espécie de manual a ser seguido sobre o comportamento feminino, assim, fazendo ressoar certos sentidos sobre o ideal de mulher, de acordo com uma perspectiva patriarcal. Com o avançar dos anos, os temas tratados por tais revistas foram se adequando aos avanços sociais e os assuntos relevantes à época: de “textos leves e didáticos sobre política nacional e internacional, trechos de romances estrangeiros, críticas de literatura, músicas, belas-arts, teatro e notícias sobre moda além de crônicas e anedotas” (Scalzo, 2003, p. 28), publicados pelo Espelho Diamantino, primeiro periódico brasileiro destinado para as

mulheres; até “dar sugestões de decoração, receitas e elegância” (Carneiro, 2018, p. 45), como a revista *Claudia*, em circulação desde a década de 1960 até os nossos dias.

Carneiro (2018), em sua tese, “A CULPA (NÃO) É DA OUTRA”? O discurso sobre triângulos amorosos no “consultório sentimental” da revista *Claudia*, discorre sobre a função da revista na constituição do feminino, refletindo sobre como as mulheres são discursivizadas no ambiente midiático. Logo, a autora aborda como as revistas eram setorizadas, “se fragmentando para atender aos principais interesses da mulher (ou entendidos como tal)” (p. 46). Essa divisão entre as editoriais das publicações jornalísticas direcionadas às mulheres, com seções como as de maternidade, educação, entre outras, comparece também na estrutura de seções trazida pelo site “Elas que Lucrem”, mantendo, assim, uma prática recorrente nas revistas femininas. Para Mira (2001, p. 59), “revista feminina sempre fala de moda, beleza, casa, amor... O que muda é a dosagem de cada um deles, (...) é a visão histórica a partir da qual cada um desses temas vai ser exposto”; assim, entendemos que os temas que podem ser relacionados ao público feminino são aqueles que retomam as funções a elas permitidas pelo patriarcado.

Em sua primeira edição, a revista *Claudia* estabelece sua missão como: “criada para servi-la” para “ajudá-la a enfrentar realisticamente os problemas de todos os dias”³, tendo como lema “independente, sem deixar de ser mulher”. Esse mesmo já-dito se marca no dizer do portal virtual EQL, ao afirmar que traz “soluções integradas para tornar as mulheres independentes”. Vemos que o discurso em circulação desde a década de 1960, em revistas femininas, é retomado na atualidade, em outras condições sócio-históricas, se adequando agora ao viés neoliberalista, para sustentar o discurso jornalístico para mulheres na atualidade.

3. Trecho do primeiro editorial da revista *Claudia* (Ano 1, número 1, outubro de 1961), analisado por Carneiro (2018).

Tanto o discurso feminista utilizado pelo *site* quanto aquele utilizado na revista Claudia retomam uma memória sobre o papel e a função das mulheres na sociedade. Se o interdiscurso determina o já-dito (Orlandi, 2015[1999], p. 31), o “Elas que Lucrem” retoma sentidos cristalizados sobre as mulheres, formuladas no patriarcado, que as colocam em posição de realizar não só o trabalho remunerado para conquistar sua independência financeira, mas também o trabalho doméstico e não-remunerado. Para Magalhães (2017, p. 8), “o máximo alcançado pela ideologia feminista foi o de agregar novas funções para as mulheres, mas não o de eliminar o processo de naturalização da maternidade”; nesse sentido, além de ser responsável pelo trabalho reprodutivo e doméstico, a mulher foi inserida no mercado de trabalho, acumulando mais tarefas e se adequando às necessidades do capital. O *site*, ao propor seções específicas para saúde financeira, maternidade, educação e carreira, o faz retomando sentidos sobre as funções a serem desempenhadas pelas mulheres diariamente.

O discurso neoliberal, para Guilbert (2020, p. 22), é “um conjunto de enunciados mais ou menos coerentes, que têm em comum a promoção de uma visão empreendedora e puramente econômica da vida e de todas as atividades humanas”; entendemos, desse modo, que todos os aspectos de nossa formação social são impactados pela lógica neoliberal, inclusive as lutas feministas.

O feminismo liberal, por exemplo, utiliza-se dos discursos da meritocracia para a ascensão de mulheres na pirâmide social, sem necessariamente questionar as relações ideológicas que as colocam nessa posição. Para Arruzza, Bhattacharya e Fraser (2019, p. 27), o feminismo liberal pretende diversificar as hierarquias sociais, “empoderando’ mulheres ‘talentosas’ para ascender ao topo”, evidenciando a individualização da luta dos movimentos sociais quando há a sua imbricação com o discurso neoliberal. Além disso, Noronha (2020, p. 97) indica que tal ver-

tente feminista segue a mesma matriz de sentido do neoliberalismo, uma vez que utiliza desse discurso para produzir sentidos.

No dizer em circulação no “Elas que Lucrem”, ressoam os sentidos neoliberais, uma vez que o *site* utiliza de tal discurso para propor que mulheres alcancem a independência financeira, acumulando à sua dupla ou até tripla jornada de trabalho, seguindo a lógica do capital. O empoderamento, sugerido no/pelo *site*, se estabelece a partir da independência das mulheres baseada em sua ascensão, sem o questionamento de imbricações de classe, raça e gênero em nossa formação social, tornando-a uma luta individual do sujeito, e, por consequência, associada à meritocracia.

2. DA LUTA AO LUCRO: OS SENTIDOS DO EMPODERAMENTO

Na seção anterior, pautamos nossas análises pela compreensão das condições de produção dos discursos em circulação no *site* “Elas que Lucrem”. Na análise da seção “Quem somos”, vemos que, a partir do jogo imaginário, o EQL delimita tanto as posições do sujeito em A quanto em B, a fim de projetar em seu dizer o imaginário de um *site* feminista, e de estabelecer para as suas leitoras o imaginário de mulheres que desejam se tornar independentes, alcançando uma ascensão financeira, sustentando-se na retomada de discursos já-ditos vinculados ao feminismo liberal.

O discurso empoderador mostra-se presente na marca da empresa e na seção “Mulheres Investidoras”, que passaremos a analisar nessa seção. Os sentidos neoliberais se marcam no dizer do *site* ao associar o desenvolvimento individual com as lutas feministas, afirmando o objetivo do *site* junto às suas leitoras: o lucro.

Tanto a nomeação “Elas que Lucrem” quanto a *logo* escolhida para o *site* (Figura 2) produzem sentidos que corroboram com a descrição utilizada no “Quem somos” da empresa.

Figura 2 - Logomarca do site

Fonte - <https://www.eql.com.br/>.
Acesso em: 27 mar. 2024



Na figura 2, vemos como a logomarca de “Elas que Lucrem” dá destaque ao “q”, cujo símbolo de Vênus empregado no *design* pode simbolizar tanto o feminino quanto os movimentos feministas, ao mesmo tempo em que retoma sentidos de ditos populares. A partir do funcionamento do interdiscurso, uma vez que, segundo Pêcheux (1990[1983], p. 53), “um enunciado é intrinsecamente suscetível de tornar-se outro, diferente de si mesmo, de deslocar-se discursivamente de seu sentido para derivar para outro”, temos relação entre os dizeres “elas que lucrem” e “eu que lute”⁴, um enunciado que virou meme, muito (re)utilizado e (re)significado nas redes sociais, como exemplificamos na Figura 3:

4. O meme “Eu que lute” viralizou em 2019, conforme a notícia: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/comportamento/noticia/2019/12/so-quem-viveu-sabe-10-memes-que-invadiram-nossas-redes-sociais-em-2019-ck4g9f2uw07mg01rzf78yqxdl.html#:~:text=Eu%20que%20lute&text=A%20express%C3%A3o%20%E2%80%94publicada%20no%20Instagram,a%20dificuldade%20de%20algumas%20conquistas.>
Acesso em 03/01/2024.

Figura 3 - Exemplo do meme “Eu que lute”⁵

Fonte - Facebook. Acesso em 21 jul. 2024

"eu q lute"

minha saúde mental:

[Traduire le Tweet](#)



O meme, enquanto discurso, também se inscreve em dizeres populares, que, inicialmente num plano digital, ultrapassa o espaço virtual. Segundo Carneiro (2020), os memes se estabelecem como gênero textual com similaridades ao cartum, contudo, são disseminados principalmente em redes sociais, agregando a si, o caráter digital e efêmero. Como o funcionamento da ideologia é intrínseca a todas as práticas discursivas, como afirma Pêcheux (1997[1969]), temos que os memes, assim como qualquer discurso a ser analisado, fazem com que sentidos circulem, uma vez que “não há neutralidade nem nos discursos produzidos nos/pelos memes” (Carneiro & Paragó, 2022), como em qualquer discurso.

Nessa perspectiva, o enunciado “elas que lucrem” pode retomar sentidos do meme “eu que lute”. Em termos teóricos, observamos o conceito de leitura discursiva, conforme Orlandi (2015[1999], p. 34), uma vez que “consiste em considerar o que é dito em um discurso e o que é dito em outro, o que é dito de um modo e o que é dito de outro, procurando escutar o não-dito naquilo que é dito”. Assim, podemos substituir os enunciados para entendermos o seu funcionamento em um jogo discursivo:

Eu → Elas

Que lute → Que lucrem

O efeito parafrástico é teorizado por Pêcheux (1997[1969], p. 96) a partir da noção de efeito metafórico: “o fenômeno semântico produzido por uma substituição contextual para lembrar que esse ‘deslizamento de sentido’ entre x e y é constitutivo do ‘sentido’ designado por x e y”. O discurso é marcado, assim, pelo retorno ao mesmo, pela paráfrase, pelo efeito metafórico, mas que é, ao mesmo tempo, polissêmico, possibilitando também o deslizamento de sentidos. Orlandi (2015[1999], p. 36) acrescenta que “essas são as duas forças que trabalham continua-

5. O meme “Eu que lute” articulado à saúde mental esteve presente, inclusive, como objeto de pesquisa de Santos (2022), ao analisar o meme na aula de linguagens, mas não só, pois podemos ver o mesmo meme em páginas como “Memes acessíveis”, do Facebook, com a descrição do meme a pessoas cegas: https://www.facebook.com/memesacessiveis/posts/descr%C3%A7%C3%A3o-legendas-eu-que-luteminha-sa%C3%BAde-mental-um-c%C3%A9rebro-rosa-personificado-so/498487657507413/?locale=pt_BR. Acesso em 21 jul. 2024.

mente o dizer, de tal modo que todo discurso se faz nessa tensão: entre o mesmo e o diferente”. Desse modo, no efeito metafórico em análise, observamos como há um retorno ao mesmo que se marca na substituição pronominal: a troca do pronome pessoal de 1ª pessoa do singular pelo pronome pessoal de 3ª pessoa do plural aponta para uma mudança e ressignificação do meme. Há um sentido de pertencimento projetado para esse sujeito em B, o sujeito-leitor do *site*, bastante marcado: são “elas”, o que também retoma sentidos já trazidos sobre “elas”. Contudo, poderíamos questionar: quem são elas? Nas expressões “que lute” e “que lucrem”, por sua vez, temos um discurso de empoderamento sendo marcado. A retomada do meme também produz deslizamentos. A substituição de “lutar” por “lucrar” aponta para um efeito de sentido consumista, proposto pelo discurso neoliberal; logo, o “elas” também toma seu contorno com “lucrar”: elas, mulheres empoderadas pelo discurso da meritocracia, do lucro, e não da luta. O empoderamento, nesse caso, é marcado pelos verbos “lutar” e “lucrar”.

Em sua tese de doutorado, “*Empoderamento*” nos discursos feministas on-line: uma análise de um objeto paradoxal em seus diferentes processos discursivos, Medeiros (2023) define o “empoderamento” como objeto paradoxal, uma vez que seu uso pode ser tanto relacionado à resistência das lutas de movimentos sociais, como o feminismo negro, quanto relacionado à agenda neoliberal, em seu carácter individual. Nesse sentido, o discurso empoderador utilizado pelo “Elas que Lucrem” segue o viés neoliberal ao associar a luta ao lucro e à ascensão individual. A associação entre a luta e o lucro produz efeitos de sentidos por inscrição em um já-dito no discurso neoliberal, “sustentado pela posição discursiva da meritocracia”, e que pode ser sintetizado em um enunciado como “Eu trabalhei, eu venci” (Medeiros, 2022, p. 110).

Na seção “Mulheres Investidoras”, o *site* retoma o discurso empoderador neoliberal, ao produzir sentidos sobre a mulher empreendedora, a quem o discurso do EQL é projetado, como mostram a Figura 4 e a SD2, retirada da mesma.



Figura 4 - Seção “Mulheres Investidoras”

Fonte - <https://www.eql.com.br/>.
Acesso em: 1 abr. 2024

SD2: Para EQL, uma mulher só toma as rédeas de sua vida quando aprende a fazer escolhas lucrativas na vida pessoal e profissional. Através de um método próprio de desenvolvimento emocional e instrução financeira e de um ecossistema, aceleramos mulheres para que encontrem autoconhecimento e segurança financeira.

Como mencionado na seção anterior, o *site*, ao dizer, projeta imagens de si e dos seus interlocutores a partir do jogo de antecipação, algo que é característico de todo discurso. Conforme afirma Pêcheux, acerca das formações imaginárias:

Se o que dissemos antes faz sentido, resulta pois dele que A e B designam lugares determinados na estrutura de uma formação social, lugares dos quais a sociologia pode descrever o feixe de traços objetivos característicos: assim, por exemplo, no interior da esfera da produção econômica, os lugares do “patrão” (diretor, chefe da empresa etc.), do funcionário de repartição, do contramestre, do operário, são marcados por propriedades diferenciais determináveis. (Pêcheux, 1997[1969], p. 82)

As antecipações que envolvem as formações imaginárias “são essenciais para a compreensão das práticas discursivas, pois elas englobam as representações que os sujeitos fazem de suas posições e das posições dos outros no espaço discursivo” (Courtine, 1981, p. 77). Nessa perspectiva, o “Elas que Lucrem” (sujeito em A) se coloca como um portal de “dicas” voltado para mulheres (sujeito em B) a fim de obter o lucro (objeto do discurso), “na vida pessoal e profissional” (SD2), capaz de “acelerar mulheres para que encontrem autoconhecimento e segurança financeira”. As dicas e propostas voltadas para mulheres definem o que o *site*, o sujeito em A, projeta imaginariamente sobre ser mulher e suas atribuições na formação social.

Na parte inferior da Figura 4, destacam-se perfis de mulheres a quem o dizer do *site* se projeta, com uma disposição que apresenta nomes de mulheres, seguidos de uma adjetivação e uma breve descrição, conforme reproduzimos na SD3:

SD3: MARGARIDA, A PREOCUPADA:

Trabalha muito, mas gasta mais do que ganha e não consegue guardar dinheiro.

VALENTINA, A AMBICIOSA:

Quer multiplicar seu dinheiro, não tem risco e segue perfis que ensinam a investir.

PAULINHA, A INICIANTE:

Conseguiu guardar dinheiro, sabe que está perdendo rendimento, mas não arrisca ir para a Bolsa.

Além desses três perfis, há outros quatro que permanecem aparecendo em um processo de rolagem na tela, durante a visita ao *site*: “Gabriela, a perseverante”; “Regina, a executiva”; “Flávia, a despreocupada”; “Maryani, a herdeira”⁶. Em todos os casos, temos a mobilização de nomes femininos, seguidos de adjetivações que retomam já-ditos sobre mulheres em nossa formação social, que se alteram entre o que poderíamos qualificar como características de personalidade, como “preocupada”, “despreocupada” e “ambiciosa”, por exemplo, e condições de trabalho e de vida, como “executiva” e “herdeira”. Em todos os casos, é o *site* que será o responsável por dizer o que essa(s) mulher(es) deve(m) ou não fazer com relação, nesse caso, à sua vida financeira, projetando, assim, para a mulher, a condição de incapaz de tomar suas próprias decisões.

Na dinâmica do *site*, é possível notar o funcionamento do discurso pedagógico (Orlandi, 2023[1983]), em que a possibilidade do dizer e dar voz ao leitor é apagada pela manualização, resultando em uma polissemia contida, o que o caracteriza como um discurso autoritário:

O discurso pedagógico não foge a essa dinâmica de tipos: tal como existe atualmente na nossa sociedade, o DP é um discurso autoritário: sua reversibilidade tende a zero (não se dá a palavra), há um agente único (aquele que tem o poder de dizer), a polissemia é contida (se coloca o sentido único), o dizer recobre o ser (o referente está obscurecido). (Orlandi, 2023[1983], p. 100).

Ao tratar do discurso jornalístico, Mariani (1998, pp. 61-62) afirma que o seu funcionamento se dá “à semelhança de um discurso pedagógico em sua forma mais autoritária”, uma vez que “no discurso jornalístico mascara-se um apagamento da interpretação em nome de fatos que falam por si”, produzindo o efeito de evidência dos sentidos. Ao trazer nomes de mulheres, associados a perfis múltiplos, o *site* produz um efeito de que apresenta e representa todas as mulheres, ao mesmo tempo em que o faz por filiação ao discurso neoliberal, ou seja, a uma posição discursiva específica. O discurso neoliberal se marca na disputa de sentidos sobre uma

6. Ao analisar o enunciado “Eu trabalhei, eu venci”, em artigo anteriormente citado, Medeiros (2022) mobiliza também a formulação “Eu herdei; é meu!”, demarcando uma outra posição discursiva no discurso neoliberal: aquela em que “se desfruta do trabalho do outro e se naturaliza o que se tem” (Medeiros, 2022, p. 110).

mulher que precisa investir, uma mulher com atribuições e responsabilização, um sujeito-mulher em uma forma-sujeito-histórica: um sujeito com responsabilidades, direitos e deveres, como explica Orlandi (2003).

Imbricado ao discurso jornalístico que se pauta pela idealização de um modelo meritocrático de lucro que possibilitaria “garantia” de sucesso às mulheres, também circula no *site* EQL um discurso publicitário, destinado a oferecer pacotes e serviços a serem contratados pelas leitoras, a exemplo do seguro “EQL protege” e do curso “EQL educar”. Esses serviços são disponibilizados no botão em verde “Contrate Agora”, que pode ser visto no canto direito superior da Figura 4 e, também, em *banners* que aparecem nas diversas páginas do *site*, como o que comparece em destaque na Figura 5:

Figura 5 - Da imbricação dos discursos jornalísticos e publicitários no EQL

Fonte - <https://www.eql.com.br/>.
Acesso em: 29 jul. 2024. Acesso em: 1 abr. 2024



Essa relação de imbricação entre os discursos jornalísticos e publicitários têm sido abordada por Dela-Silva (2021, p. 49), ao tratar do funcionamento dos discursos midiáticos na atual conjuntura sócio-histórica, que se dá por “relações de proximidade, os pontos de contato entre as práticas discursivas jornalísticas e publicitárias da/na mídia”.

No caso do *site* EQL, esse efeito de imbricação se marca entre o *banner* que oferece o “EQL Protege”, discursivizado como “O seguro da mulher independente” e a matéria jornalística que aparece na sequência de leitura da página, com a chamada: “Saúde mental e financeiro: como um seguro de vida pode colaborar para a tranquilidade da mulher” (Figura 5). Valendo-se do efeito didatizante do discurso jornalístico, o *site* fornece como dica, no dizer jornalístico, a necessidade de um seguro de vida para a “saúde mental e financeira”, capaz de “colaborar para a tranquilidade da mulher”, ao mesmo tempo em que oferece a contratação de um seguro de vida específico, a ser simulado e contratado no próprio *site*, sob o imaginário de uma livre escolha. Os sentidos projetados do sujeito em A para o sujeito em B inscrevem-se, desse modo, numa lógica neoliberal voltada para o consumo, inclusive de serviços anunciados pelo próprio *site*. Por filiação à lógica discursiva feminista neoliberal, tornar a(s) mulher(es) independente(s), no dizer do *site*, é torná-la(s) consumidor(as).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O *site* “Elas que lucrem”, como um portal destinado às mulheres, contribui para a circulação de dizeres sobre o feminino. A partir de nossas análises, percebemos que as formações imaginárias em jogo projetam imagens do sujeito em A, como um *site* de “dicas” para empoderar mulheres; e do sujeito em B, como mulheres que desejam se tornar independentes, pautadas na lógica neoliberal, por associação do discurso de empoderamento ao de consumo.

Em nossas análises das seções “Quem somos” e “Mulheres Investidoras” apontamos, assim, o funcionamento da imbricação do discurso neoliberal com o discurso de empoderamento feminino, marcado no dizer em curso no *site*. O EQL, ao se posicionar como um *site* especialmente voltado para o público feminino, retoma sentidos sobre a(s) mulher(es), formulados em outro tempo e em outro lugar, que chegam via interdiscurso e seguem sendo atualizados para falar do lugar e da função da(s) mulher(es) em nossa formação social. Esse funcionamento indica que o neoliberalismo engloba as pautas feministas quando se mostram em consonância ao seu modelo econômico, permitindo a “independência feminina” desde que não seja desassociada ao trabalho doméstico, ao trabalho não-remunerado.

A passagem do meme “Eu que lute” para o lema “Elas que Lucrem”, que se marca na nomeação do *site*, mostra o deslizamento de sentidos das lutas dos movimentos sociais, ao ser adequada à matriz de sentido neoliberal. Nessa perspectiva, a luta é ressignificada pela possibilidade de lucro, uma vez que na lógica neoliberal, o consumo e, por consequência, o lucro são essenciais e imprescindíveis. Assim, o discurso empoderador do EQL é atravessado pelo discurso meritocrático, uma vez que o *site* indica que se suas “dicas” forem seguidas, as mulheres conseguirão a sua independência, e ascenderão na pirâmide social. Nesse funcionamento discursivo, apagam-se as diferenças de qualquer ordem, que permitem colocar em relação de paridade mulheres trabalhadoras e mulheres herdeiras, por exemplo. E, em meio às dicas, também se marca no *site* o discurso publicitário que, em imbricação ao discurso jornalístico, não é sem efeitos na interpelação da(s) mulher(es) à posição sujeito consumidor.

REFERÊNCIAS

- Arruzza, C., Bhattacharya, T., & Fraser, N. (2019). *Feminismo para os 99%: um manifesto*. Boitempo.
- Baalbaki, A. C. F. (2010). *A revista Ciência Hoje das Crianças e o discurso de divulgação científica: entre o ludicismo e a necessidade* [Tese de doutorado, Universidade Federal Fluminense].
- Carneiro, C. (2018). “A culpa (não) é da outra”? O discurso sobre triângulos amorosos no “consultório sentimental” da revista *Claudia* [Tese de doutorado, Universidade Federal Fluminense].
- _____. (2020). O funcionamento da memória na produção de memes sobre a pandemia de 2020. In Baalbaki, A. & Silva, L. F. A. (Eds.), *Discursos na Pandemia: entre dores e incertezas* (pp. 1-354). Campinas, SP: Pontes Editores.
- Carneiro, C., & Paragó, B. (2022). “É pela boca que se conquista o homem”: a discursivização da mulher em memes. In Dela-Silva, S. & Lunkes, F. (Eds.), *Mídia e(m) discurso: percursos de pesquisa* (pp. 221-244). Campinas, SP: Pontes.
- Courtine, J.-J. (1981). Análise de discurso política: o discurso comunista endereçado aos cristãos. In Orlandi, E. P. (Org.), *As Formações Imaginárias: Discurso e Ideologia* (p. 77). Campinas, SP: Pontes.
- _____. (2014). *Análise do discurso político: O discurso comunista endereçado aos cristãos* (C. de C. V. Birck, D. Martin, M. L. Meregalli, M. R. B. Osório, S. D. Loguércio & V. Leclercq, Trads.). EdUFSCar. (Trabalho original publicado em 1981)
- Dela-Silva, S. (2021). Efeitos de imbricação em discursos da/na mídia. *Tríade: Comunicação, Cultura e Mídia*, 9(22), 47–63. <https://doi.org/10.22484/2318-5694.2021v9n22p47-63>
- Dela-Silva, S., & Dias, J. P. (2015). Felicidade, um arquivo. Sobre a noção de arquivo e o seu funcionamento no discurso da/na mídia. In Indursky, F. Leandro-Ferreira, M. C. & Mittmann, S. (Eds.), *Análise do discurso: dos fundamentos aos desdobramentos (30 anos de Michel Pêcheux)* (pp. 123-136). Mercado de Letras.
- Guilbert, T. (2020). *As evidências do discurso neoliberal na mídia* (Adorno, G. Nogueira, L. Bulhões Figueira, L. F. & Zoppi Fontana, M. G. Trads.). Editora da Unicamp.
- Guilhaumou, J., & Maldidier, D. (1997). Efeitos do arquivo: a análise do discurso no lado da história. In Orlandi, E. P. (Org.), *Gestos de leitura: da história no discurso* (pp. 163-187). Editora da Unicamp.
- Lagazzi, S. (2009). O recorte significativo da memória. In Indursky, F. Ferreira, M. C. L. & Mittmann, S. (Eds.), *O discurso na contemporaneidade* (pp. 65-78). Claraluz.

ARTIGO RECEBIDO A

31/07/2024

ARTIGO APROVADO A

08/11/2024

Magalhães, B. (2017). Lógica capitalista e patriarcado. In Costa, G. M. Pimentel, E. Alcântara, N. & Souza, R. (Eds.), *Crise Contemporânea, Desafios do Conhecimento e Lutas Sociais* (Vol. 1, pp. 1-354). Edufal.

Mariani, B. (1998). *O PCB e a imprensa: o imaginário sobre os comunistas nos jornais*. Revan; Editora da UNICAMP.

Medeiros, L. (2023). *Empoderamento nos discursos feministas on-line: uma análise de um objeto paradoxal em seus diferentes processos discursivos* [Tese de doutorado, Universidade Estadual de Campinas].

Medeiros, V. (2022). Um livro e um enunciado em nossa formação social. *Fragmentum*, (59), 99–115. <https://doi.org/10.5902/2179219468957>

Mira, M. C. (2001). *O leitor e a banca de revistas: a segmentação da cultura no século XX*. Olho d’Água/Fapesp.

Noronha, R. (2020). *Discurso neoliberal e gênero: uma análise do discurso empresarial* [Tese de doutorado, Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem]. Disponível em: <https://hdl.handle.net/20.500.12733/1640235>. Acesso em: 5 jul. 2024.

Orlandi, E. P. (1990). *Terra à vista. Discurso do confronto: velho e novo mundo*. Cortez & Ed. da UNICAMP.

_____(2003). *Discurso em Análise*. Pontes.

_____(2015). *Análise de discurso: princípios e procedimentos* (5ª ed.). Pontes. (Trabalho original publicado em 1999)

_____(2023). *A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso* (7ª ed.). Pontes Editores. (Trabalho original publicado em 1983)

Pêcheux, M. (1988). *Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio* (E. P. Orlandi et al., Trans.). Unicamp.

_____(1990). *O discurso: Estrutura ou acontecimento* (E. P. Orlandi, Trad.). Pontes. (Trabalho original publicado em 1983)

_____(1997). Análise automática do discurso (AAD-69). In Gadet, F. & Hak, T. (Eds.), *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux* (2ª ed., pp. 61-161). Editora da Unicamp. (Trabalho original publicado em 1969)

PARAGÓ, BEATRIZ PEREIRA NUNES; MAGALHÃES, RAQUEL ANNE LUCAS & DELA-SILVA, SILMARA; “Elas que lucrem”: uma análise discursiva sobre o empoderamento feminino / “Elas que lucrem”: An Analysis of the Women’s Empowerment Discourse
REDIS: REVISTA DE ESTUDOS DO DISCURSO, Nº 15 ANO 2024, PP. 202-225

Pêcheux, M. (2010). Ler o arquivo hoje. In Orlandi, E. (Ed.), *Gestos de leitura: da história no discurso* (3ª ed., pp. 49-59). Campinas, SP: Editora da Unicamp. (Trabalho original publicado em 1982)

Rebelo, A. C. T. (2017). *Mulher de Nova, Mulher de Fases: o jogo da vida nas páginas de Cosmopolitan Brasil* [Dissertação de mestrado. Universidade do Estado do Rio de Janeiro].

Safatle, V., Silva Júnior, N., & Dunker, C. (Eds.). (2021). *Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico*. Autêntica.

Scalzo, M. (2004). *Jornalismo de revista*. Contexto.

